Ensino in foco

Tânia Maria Sousa de Araujo Santos
Editora da seção

Comentário ou artigo sobre ensino e pesquisa da saúde da criança e adolescente

NOVOS RUMOS DA EDUCAÇÃO MÉDICA

Olivia Costa Bessa

Professora Assistente da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutoranda da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Médica Assistente da Enfermaria do Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS).

Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre a necessidade de mudança na educação médica. As diretrizes curriculares nacionais apontam para um perfil profissional com características que vão muito além das competências técnico- científicas e agrega elementos (normalmente marginais aos currículos) como a relação profissional-paciente, comunicação, tomada de decisão, liderança e educação permanente, dentre outros.[1]

Nesse sentido, a questão da formação médica é um grande desafio na medida em que o ensino tem-se caracterizado por uma ênfase na transmissão de conhecimentos por parte dos professores e a conseqüente necessidade de memorização por parte dos alunos. Nesse processo de transmissão de informações e de habilidades, unidirecional e fragmentada, predomina o ensino tradicional, centrado no professor e cuja metodologia é fundamentalmente baseada na exposição, com algumas demonstrações práticas. Este panorama, embora possa mudar ao longo do curso, permanece em sua essência o mesmo: o aluno é pouco motivado para resolver problemas, buscar informações, refletir sobre a sua prática e desenvolver autonomia.[2]

Outro ponto crítico é que a maioria das escolas possui um modelo educacional desenvolvido para preparar especialistas voltados para o trabalho hospitalar e consequentemente, pouco direcionado para as necessidades de saúde prioritárias da população, geralmente concentrado no enfrentamento das doenças e desenvolvido de forma pouco integrada, centrado somente nos aspectos biológicos. Os alunos muitas vezes têm dificuldades de entender o impacto relativo dos fatores ambientais, sociais e comportamentais na etiologia e progressão das enfermidades porque frequentemente não estão familiarizados com contexto de vida dos seus pacientes.[3]

Alcançar esse novo perfil, coerente com as diretrizes nacionais e voltadas às necessidades dos indivíduos, suas famílias e comunidade requer um padrão especial de formação diferente do modelo tradicional.

É necessário desenvolver programas de formação capazes de gerar profissionais mais criativos e resolutivos, com capacitação técnica para realizar uma atenção integral à saúde do indivíduo, a partir de uma perspectiva abrangente do conceito de saúde, relacionada com a biologia humana, os serviços de saúde, o meio-ambiente e estilos de vida, utilizando recursos educacionais inovadores onde o conhecimento e também as habilidades e atitudes devem ser trabalhados no sentido de transformar o desempenho do aluno, onde ele passa a ter uma atitude crítica e um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento e seu processo de aprendizagem deve estar intimamente associado a uma melhoria do seu desempenho profissio-

nal, pessoal e da qualidade dos serviços que ele irá oferecer.[4]

É necessário ainda superar a dicotomia que há entre a formação e a prática profissional e buscar modelos onde a formação acadêmica tradicional incorpore as práticas do sistema de saúde, bem como as características e especificidades das comunidades nas quais provavelmente os futuros profissionais vão se inserir.

Os principais documentos nacionais e internacionais apontam alguns elementos como tendência para a Educação Médica da atualidade: *práticas clínicas precoces*, com atividades clínicas desde o início do processo de formação no curso médico; *descentralização das experiências clínicas*, com atividades no âmbito ambulatorial e comunitário e não apenas centrada no espaço hospitalar; *ensino/aprendizagem baseado em problemas*, com ênfase na busca e análise de informação para solucionar problemas clínicos; *medicina baseada em evidências*; com análise e avaliação crítica da literatura médica; *modelo biopsicossocial*, com ensino considerando o sujeito de forma holística e enfatizando a relação médico-paciente; *orientada para a comunidade*, com currículo baseado nas necessidades sanitárias da comunidade e *ética médica*, com desenvolvimento de profissionais pautado em princípios éticos, profissionalismo e com capacidade de resolver problemas no exercício da profissão, dentre outros.[1,3,5,6]

No campo mais específico do ensino da pediatria as preocupações são semelhantes, com proposições de reformas que procuram acompanhar as tendências atuais de transformação da educação médica.[7]

Dois importantes estudos foram divulgados sobre o ensino de pediatria na graduação: "*The future of pediatric education*"[8], da Academia Americana de Pediatria e o "Ensino de pediatria em escolas de medicina da América Latina", realizado pela Organização Pan-Americana de Saúde-OPAS em parceria com a Associação Latino-Americana de Pediatria-ALAPE.[9]

O estudo da Academia Americana traz algumas recomendações importantes no ensino da pediatria, como a necessidade de diversificar os espaços de prática, com desenvolvimento de atividades nos diferentes níveis de atenção, não somente em ambiente hospitalar e baseada nas necessidades da saúde das crianças no contexto da sua família e da comunidade. Salienta ainda a necessidade de uma maior participação da pediatria nas discussões sobre desenho de currículo, metodologia de ensino e processos de avaliação na graduação.

Na investigação desenvolvida pela OPAS-ALAPE, 194 escolas médicas da América Latina participaram, das quais 56 eram do Brasil. Os resultados demonstram algumas lacunas no ensino da pediatria nesses cursos: grande quantidade de alunos, dificultando a integração e comprometendo o aprendizado; conteúdos de promoção e prevenção ausentes em alguns cursos; ênfase no ensino do tratamento de doenças; recursos didáticos desatualizados; atividades centradas em ambientes hospitalares e processos de avaliação deficientes.

Todo esse contexto aponta para a necessidade de uma ampla reforma educacional no ensino e coloca para as instituições o desafio de revisão dos seus projetos pedagógicos e implementação de propostas educacionais inovadoras, visando o desenvolvimento integral do estudante e suas atitudes profissionais. Manter a coerência com os princípios fundamentais da prática médica, articulando a ciência e sua técnica, os serviços de saúde, a assistência com ênfase na família e na comunidade, a ética e o humanismo parece ser o melhor caminho para a formação do futuro médico com as características apontadas pelas diretrizes nacionais e exigidas pela sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Disponível http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2009.
2. Feuerwerker, LCM. Além do discurso de mudança na educação médica: processos e resultados. Hucitec; Londrina, 2002.
3. Ministério da Saúde. Aprender SUS: o SUS e os cursos de graduação da área da saúde. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/aprendersus.pdf. Acessado em 20 de outubro de 2009.
4. Marins, J J N. Rego S. Lampert, J B. Araujo, J G C. Educação médica em transformação: instrumentos para a construção de novas realidades. Hucitec, 2004.
5. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. Trabalho e Educação em Saúde no Mercosul. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/trabalho_educacao_saude_mercosul.pdf. Acessado em 15 de outubro de 2009.
6. General Medical Council, United Kingdom. Tomorrow's Doctors, London, 2003.
7. Veiga, Eneida Q. O. Batista, Nildo A. Undergraduate teaching of pediatrics in medical schools of the state of Rio de Janeiro. Jornal de Pediatria 2006; 82: 115-120.
8. The future of pediatric education II. Organizing pediatric education to meet the needs of infants, children, adolescents, and young adults in the 21st century. Pediatrics. 2000; 105: 163-212.
9. Organização Panamericana de Saúde, Organização Mundial de Saúde, Organização Latino-Americana de Pediatria. Ensino de Pediatria em escolas de medicina da América Latina. Washington, DC: OPAS; 2003.

Conflito de Interesse: Não declarado

Endereço para correspondência

Olivia Costa Bessa
E-mail: oliviabessa@unifor.br